

Edifício Banco Sul-Americano do Brasil, São Paulo, 1961-63

Rosa Karina Carvalho Cavalcante

Arquiteta graduada pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

Doutoranda pela Universidad Politecnica de Cataluña (UPC)

Calle Aribau, 272, 3º 2ª – San Gervasi

08006 – Barcelona – Espanha

(34) 650 157 308

rkarinacc@gmail.com

Edifício Banco Sul-Americano do Brasil, São Paulo, 1961-63

Resumo

O artigo trata da análise arquitetônica do Edifício “Banco Sul-Americano do Brasil”, projetado entre 1961 e 1963, de autoria do escritório Rino Levi Arquitetos Associados, elaborado a partir do trabalho de “*Investigación I*”, do Doutorado em “*Proyectos Arquitectónicos, Línea 1 – La Forma Moderna*, ETSAB/UPC (*Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona de la Universidad Politécnica de Cataluña*). Tal análise é feita a partir do método do re-desenho, colocando-se no ponto de vista do projetista, esforçando-se para experimentar o projeto através da solução dos seus problemas, cálculos e ajustes, evitando vê-lo como resultado de uma inspiração ou idéia, e buscando identificar o problema projetual que foi relevante para o autor, com o objetivo de destacar as principais contribuições arquitetônicas, de maneira que, além de documentar um exemplo de edifício considerado até hoje marco expressivo da arquitetura moderna paulista, possa servir de modelo para projetos atuais, não no sentido de mera cópia, mas como exemplo de critérios projetuais dentro da linguagem moderna a serem seguidos, investigados e desenvolvidos. A qualidade arquitetônica do edifício justifica o seu estudo e documentação, ainda que tenha uma clara vinculação formal com a Lever House (Gordon Bushaft, New York, 1952) o projeto do edifício é totalmente adequado às condições técnicas, sociais e climáticas de onde está inserido, sendo hoje considerado pelo IPT (Instituto de Pesquisa Tecnológica da Universidade de São Paulo) como o edifício mais eficiente em consumo elétrico da Avenida Paulista, pois mesmo tendo suas principais fachadas em situação desfavorável em relação ao sol, devido ao tratamento das fachadas com brise-soleil, praticamente não é necessário o uso de ar-condicionado. E as qualidades arquitetônicas inerentes a ele justificaram há pouco tempo uma reforma para a construção de outro subsolo com o objetivo de aumentar o número de vagas de estacionamento, obra de elevado custo em um edifício já construído.

Palavras chaves: documentar, arquitetura moderna, Rino Levi

Abstract

The article deals with the analysis of architectural building Banco Sul-americana do Brasil, designed between 1961 and 1963, the authors of the office Rino Levi Arquitetos Associados, compiled from the work of "Research I", the Ph.D. in "Project architectural, Line 1 - The modern way, ETSAB/UPC (*Escuela Técnica Superior de Barcelona de la Universidad Politécnica de Cataluña*). This analysis is made from the method of re-design, putting it in view of the designer, is working to try the project through the solution of their problems, calculations and adjustments, to avoid seeing him as a result of inspiration or idea, and trying to identify the design problem that was relevant to the author, aiming to highlight the main architectural contributions, so that in addition to document an example of building considered today as a landmark expressive of modern paulista architecture, can serve as models for current projects, not to simply copy, but as an example of project criteria in the modern language to be followed, investigated and developed. The architectural quality of the building justifies its study and documentation, although it has a clear linkage with the formal Lever House (Gordon Bushaft, New York, 1952) the design of the building is entirely appropriate technical conditions, and social climate in which it is inserted and is today considered by IPT (Technological Research Institute of University of São Paulo) and the building more efficient in energy consumption of Avenida Paulista, because even with its main facade in disadvantage in relation to the sun due to the treatment of brise-soleil, is hardly necessary to use air conditioning. And the architectural qualities inherent in him justified recently a reform for the construction of another underground with the aim of increasing the number of parking spaces, high cost of work in a building already constructed.

Key words: document, modern architecture, Rino Levi

Introdução

Este artigo trata-se da análise arquitetônica do Edifício Banco Sul-Americano do Brasil, resultando do trabalho de “*Investigación I*”, do Doutorado “*Proyectos Arquitectónicos, Línea 1 – La Forma Moderna, ETSAB/UPC (Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad Politécnica de Cataluña)*”, com o objetivo de documentá-lo e destacar os aspectos arquitetônicos mais importantes.

O projeto, do escritório Rino Levi Arquitetos Associados, entre os anos 1961-63, é um dos últimos trabalhos com o sócio-fundador, Rino Levi, antes de sua morte em 1965, que nessa época era formada por Rino Levi, de Roberto Cerqueira César e Luiz Roberto Carvalho Franco, sendo este último o responsável direto pelo detalhamento de tal edifício.

É um projeto de grandes qualidades arquitetônicas, com volumes bem proporcionados, boa resolução estrutural e de proteção solar, onde as formas derivam da busca da melhor adaptação ao programa e da sua relação com o espaço construído, justificando assim, o seu estudo e documentação.

Ainda que tenha uma clara vinculação formal com a *Lever House* (Arquiteto *Gordon Bushaft, New York, 1952*) é totalmente adequado às condições técnicas, sociais e climáticas de onde está inserido, considerado pelo IPT – Instituto de Pesquisa Tecnológica da Universidade de São Paulo – como o edifício mais eficiente em consumo de eletricidade da Avenida Paulista, pois devido ao tratamento das fachadas com brises, praticamente não é necessário o uso do ar-condicionado.

Hoje é propriedade de outro banco, e há pouco tempo passou por uma reforma para a construção de outros dois subsolos, com o objetivo de ampliar o número de vagas de estacionamento, obra de custo bastante elevado tratando-se de um edifício já construído, mas que foi justificada devido às qualidades intrínsecas do edifício.

Para a realização desse trabalho, além dos livros publicados sobre Rino Levi, foram utilizados os planos originais escaneados desde o arquivo do escritório catalogado na biblioteca de arquitetura da FAU-USP (Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo), que contava com os estudos prévios, planos do projeto definitivo e inúmeros detalhes, que foram a base para redesenhar o projeto. Não se encontravam as plantas e os cortes do projeto executivo, porém havia os planos que substituíam os planos executivos aprovados: planta baixa, mezanino, planta tipo e cobertura. Esses são os planos mais atualizados, mas encontramos alguns pontos que foram modificados durante a construção, podendo-se comprovar através de fotos e de detalhes desenhados posteriormente, além das publicações em livros e revistas. O redesenho foi feito de forma a acercar o mais próximo possível ao que foi construído, e ajudou a conhecer melhor o edifício e descobrir seus pontos importantes no desenvolvimento do projeto.

Organização do programa e decisão volumétrica

O projeto para a sede de um banco, em um terreno de esquina em forma de trapézio, com superfície total de 2.660m², na Avenida Paulista – hoje considerada o centro econômico e financeiro de São Paulo, foi concebido na época em que para ali se encaminhavam as mais importantes atividades econômicas e também os melhores profissionais liberais, que fugiam da agitação do centro e aproveitando-se dos baixos preços dos terrenos em uma zona ainda predominantemente residencial.

Ao documentar esse edifício, não se pode desconsiderar a visão corporativa do projeto para a sede de um banco, que como entidade financeira, seguramente ao dia com o que se passava na cidade, e aproveitando-se da permissão de verticalizar a área, incorporou ao projeto um edifício para escritórios, viabilizando a construção de um edifício em altura e dotando de importância o empreendimento.

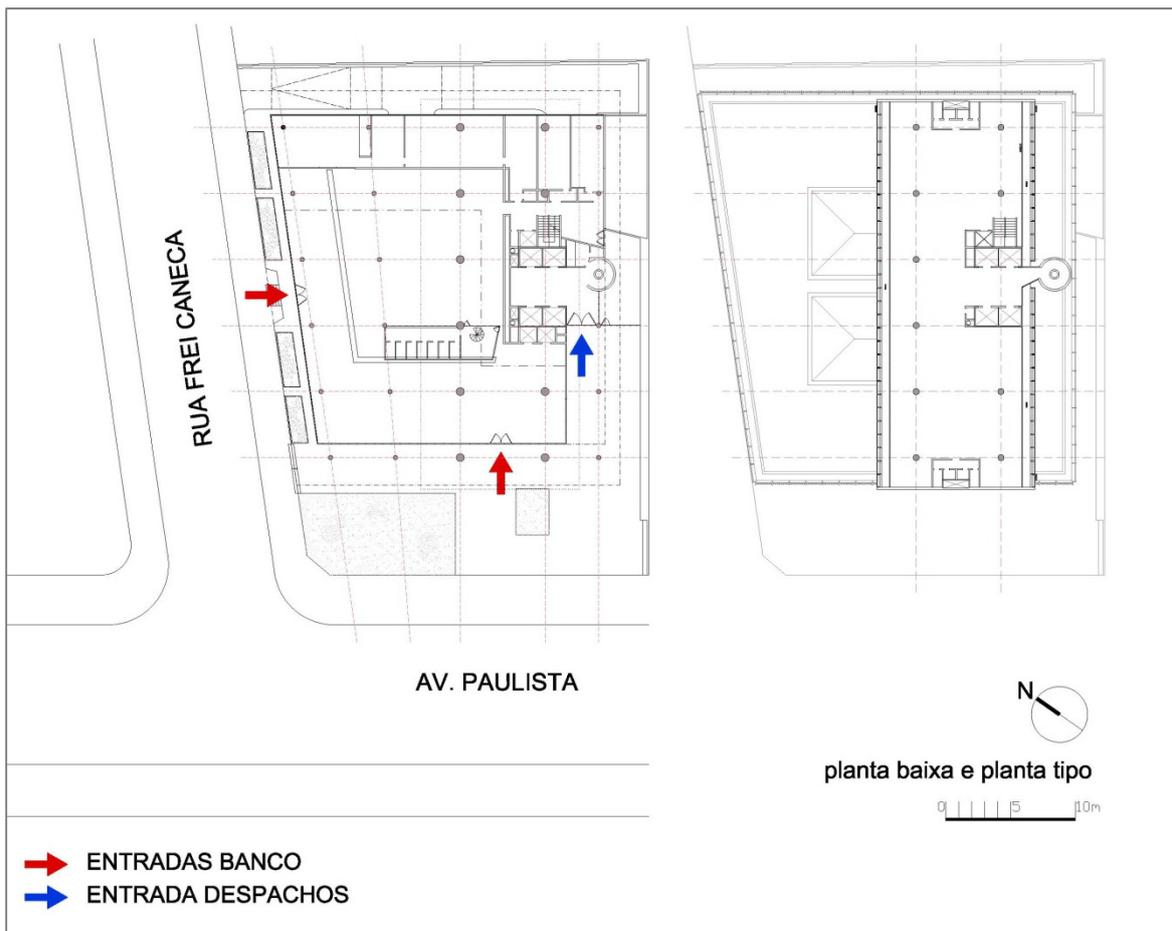


Figura 1 – Planta baixa e tipo, do edifício Banco Sul-Americano do Brasil.

Fonte: Redesenhadas pela autora (2007).

O programa foi dividido em dois blocos organizados em formas geométricas distintas: o edifício para o banco como base e o edifício torre para os escritórios. Ainda que contabilize apenas 39% da área total se percebe que o banco é a finalidade principal da construção, pois as duas entradas principais, marcadas pelo desenho das jardineiras da calçada na Avenida Paulista e por uma escada na Rua Frei Caneca, estão a ele destinadas; ficando a entrada para o edifício de escritórios hierarquicamente desfavorável na lateral junto ao muro que divisa com uma residência na Avenida Paulista, ainda que tenha recebido um tratamento paisagístico a cargo de Burle Marx.

O banco, de aproximadamente 7.528 m², está formado por um subsolo (estacionamento de clientes y funcionários, caixas fortes e refeitório), uma planta baixa (salão para o público, microfilme, programação e vestuários), um mezanino onde se encontra a contabilidade e arquivos, um primeiro andar com a administração, um pavilhão de recepção e jardim no terraço intermediário; além das duas primeiras plantas do edifício torre, também destinadas para escritórios do próprio banco, pois há uma escada e um elevador para funcionários do banco que só aparecem nessas plantas. O edifício de escritórios, com 61% da área total construída do edifício, totaliza aproximadamente 13.345 m², e se compõe de 14 plantas tipos (sendo 12 independentes do banco), uma portaria na planta baixa e um estacionamento num segundo subsolo.



Figura 2 – Foto externa do edifício construído na década de 60.
Fonte: AA VV: Rino Levi. Milano: Edizione di Comunità, 1974.

O edifício construído reflete a decisão volumétrica de dois volumes sobrepostos, um edifício base, de três plantas, destinado para as instalações do banco, e uma torre laminar, para abrigar o edifício de escritórios; que, além de aproveitar ao máximo o terreno, aumenta o espaço público e humaniza as calçadas, intenção acertada principalmente por tratar-se de um dos primeiros edifícios altos do lugar. O acesso aos subsolos se dá por uma rampa localizada no fundo do terreno, com a entrada perpendicular à Rua Frei Caneca, onde tem menor fluxo de automóveis.

O edifício base

O edifício base tem a forma trapezoidal do terreno, seguindo os recuos estabelecidos pela legislação vigente na época, mas na Avenida Paulista esse recuo foi maior, que o beneficiou quando em 1968 uma lei alarga a avenida em 10m de cada lado, correspondendo aos recuos obrigatórios, fazendo com que este mantenha um recuo em relação à calçada na planta baixa.

O terreno destinado à construção do Edifício Banco Sul-Americano do Brasil não oferece uma boa orientação solar, com grande incidência de sol nas fachadas principais, fato que em um país de clima tropical poderia comprometer o conforto térmico. Para resolver esse problema, as fachadas do edifício estão formadas por esquadrias de alumínio e vidro protegidas por planos de brises, excetuando duas fachadas do edifício torre, que estão completamente fechadas com paredes.

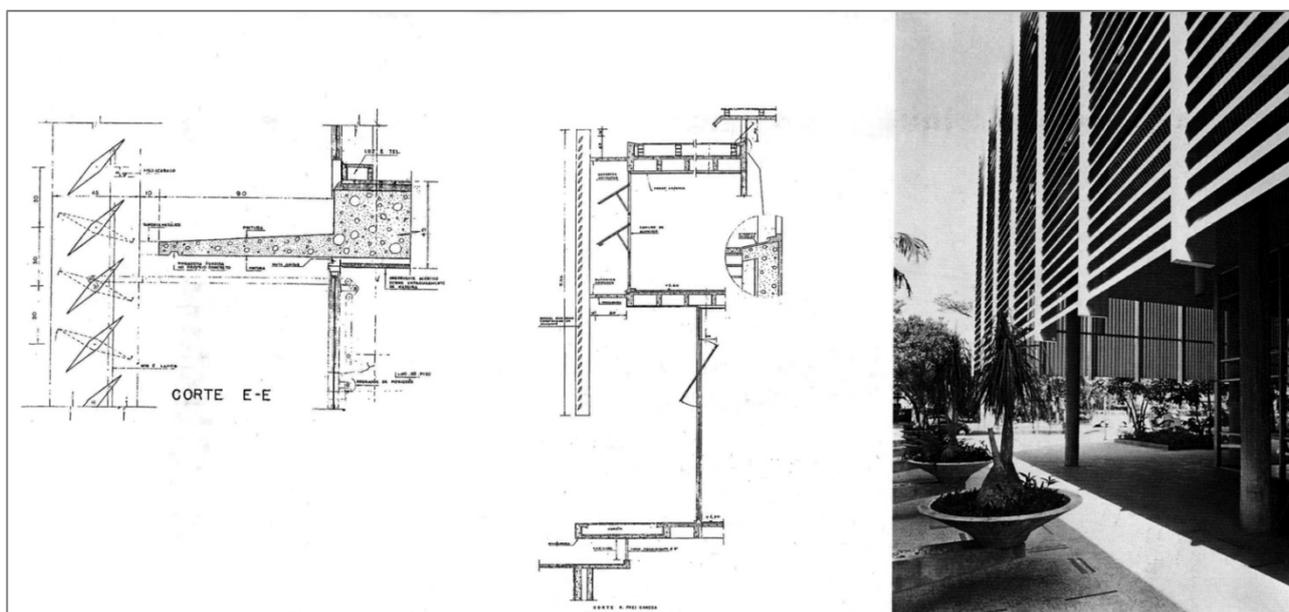


Figura 3 – Detalhes construtivos dos brises e esquadrias do edifício base com foto de referência da planta baixa vista desde a entrada lateral para os escritórios olhando a Avenida Paulista.

Fonte: AA VV: Rino Levi. Milano: Edizione di Comunità, 1974.

No edifício base os planos de brises estão no sentido vertical e horizontal, de acordo com a incidência solar, mas ao estarem dispostas de forma homogênea proporcionam visualmente continuidade volumétrica. Tem uma modulação mais ou menos igual em todas as fachadas, variando em função das diferentes larguras. Estes planos cobrem verticalmente desde a laje do terraço intermediário até o final da janela da planta baixa, não tocando o solo. As esquadrias de alumínio e vidro da planta baixa e do mezanino estão recuadas em relação ao fechamento de brises do bloco, formando um espaço sombreado nas calçadas que valoriza o volume ao dar a sensação de que este está solto do solo, que além de proteger do sol proporcionando um espaço agradável aos pedestres, constitui um espaço de transição entre interior-exterior, dando-lhes continuidade visual e espacial.

Na planta baixa, na zona de atendimento ao público e na portaria do edifício torre há um pé-direito duplo, pois o mezanino só ocupa a parte do fundo e a lateral direita da planta. Isso determina e articula volumes interiores da planta baixa, e valoriza este espaço.

Na primeira planta a esquadria de vidro chega quase ao limite da laje, ficando recuadas 80 cm para a dissipação do calor. Esta planta é iluminada de forma indireta desde o terraço intermediário, onde dois elementos retangulares elevados, mais ou menos no centro do espaço, com jardineiras em cima, têm aberturas fechadas com esquadrias de alumínio e vidro. Ali tem também um pavilhão de recepção do banco abaixo da projeção do edifício torre e um jardim projetado por Burle Marx.

Esse terraço, que chamamos de espaço de transição entre os dois volumes principais, é de suma importância para sua configuração estética, pois, ao independentizar os volumes formando uma sombra entre eles, define e delimita cada um deles, valorizando a forma do conjunto edificado.

A circulação vertical, localizada no lado direito no final do eixo central perpendicular à Rua Frei Caneca, está composta de duas escadas e sete elevadores, formando dois blocos independentes de circulação, um destinado ao banco e outro aos escritórios. O banco conta com uma escada retangular e três elevadores, dois para o público e um exclusivo para funcionários, podendo-se subir desde o primeiro subsolo até a planta primeira, não abrindo, porém, no segundo subsolo nem nos escritórios.

O edifício torre

As maiores fachadas do edifício torre estão paralelas à Rua Frei Caneca, estando este bastante recuado em relação à rua, fato que além de cumprir um caráter estético e de proporção formal, contribui para dar altura ao edifício. Por cálculos e desenhos encontrados nos planos originais, a legislação vigente provavelmente determinava que altura máxima permitida fosse calculada em função da relação do ângulo formado entre o final da rua e suas duas calçadas e a altura do

somatório em metros de estes (neste caso 16m, ou seja, 8m da rua mais 4m de cada calçada) multiplicados por 1,5. Segundo essa relação, pode-se ver que quanto mais recuado em relação à rua, mais alto poderia ser. Tal localização forma um pátio lateral no terraço ajardinado que está na cobertura do edifício base.

O edifício torre avança perpendicularmente em direção à Avenida Paulista, até encontrar o recuo obrigatório, ou seja, 10m, mas por trás se mantêm no limite da base. Seu volume alto e retangular está liberado do edifício base, e composto de 14 plantas tipo, uma coberta e mais duas plantas pequenas, continuação do volume da circulação vertical. Os sanitários foram postos nos extremos fechados da planta, abertos para uma galeria de ventilação.

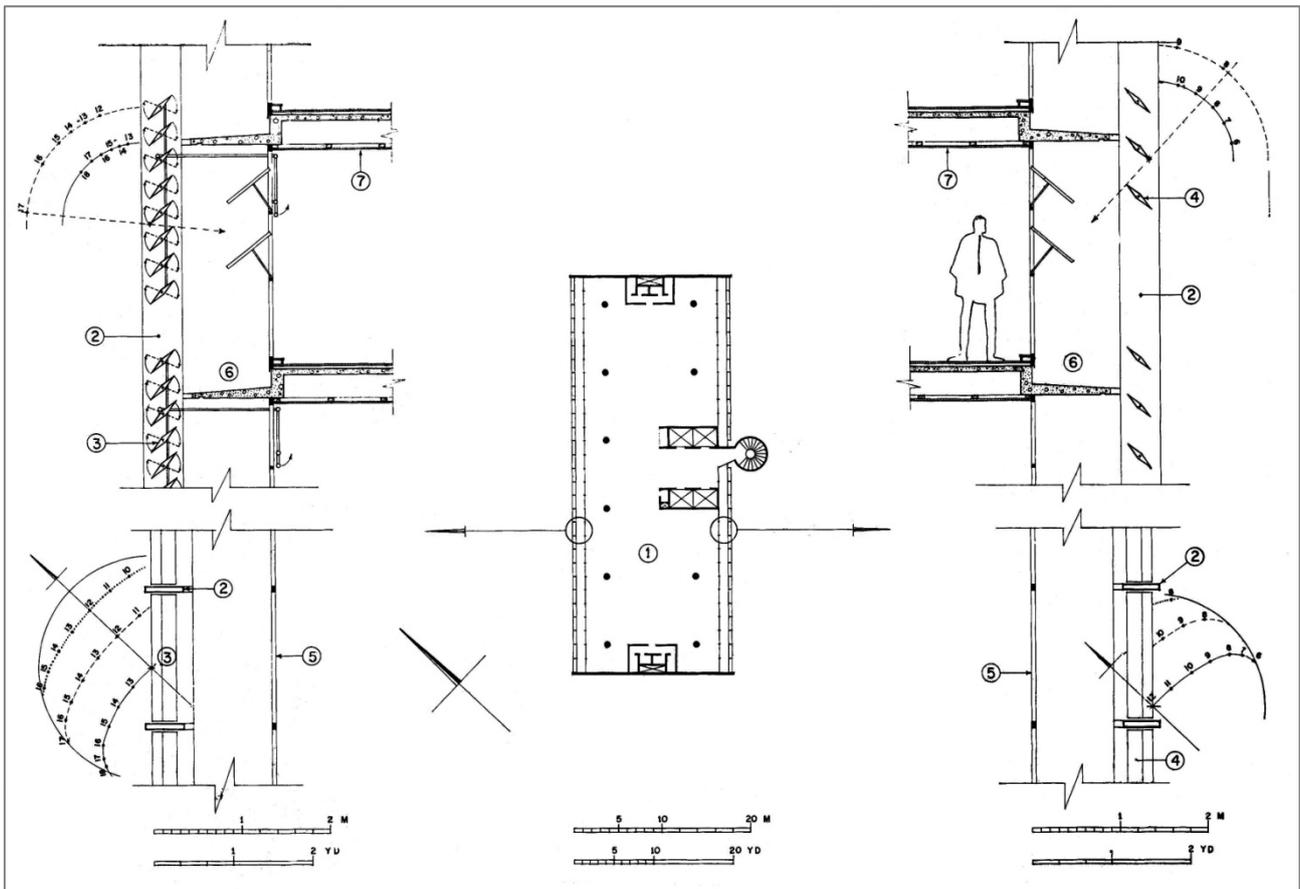


Figura 4 – Detalhe dos planos de brises do edifício torre.
Fonte: AA VV: Rino Levi. Milano: Edizione di Comunità, 1974.

Os planos de brises das fachadas estão estruturados em tubos de alumínio verticais com brises horizontais entre estes módulos. Entre o plano de brises e a esquadria interior há um espaço de 80 cm para a dissipação do calor. Na fachada da Rua frei Caneca os brises estão dispostos em grupos de oito lâminas móveis horizontais, que cobrem da linha superior da laje até a base da última janela móvel, formando linhas horizontais densamente agrupadas que predominam visualmente sobre as verticais, com um pequeno espaço entre cada grupo horizontal, formando uma sombra que marca as catorze plantas do edifício.

Na fachada oposta, os tubos verticais seguem a mesma modulação, interrompida apenas pelo volume da escada. Também há o espaço de 80 cm entre as esquadrias e os brises, mas as lâminas destes estão agrupadas com menos densidade, apenas três lâminas por grupo, com um espaço maior entre elas, mostrando assim a esquadria interior. Tal disposição faz com que as linhas verticais sejam predominantes sobre as horizontais nessa fachada.

As esquadrias interiores, de alumínio e vidro, recobrem toda a extensão das fachadas mais largas do edifício torre. Seguem lateralmente a mesma modulação dos elementos verticais que estruturam os brises, aproximadamente 1.575m. Em altura estão moduladas em três partes iguais, onde as duas superiores são móveis.

Os dois planos menores da fachada, paralelos à Avenida Paulista, são totalmente fechados devido à grande incidência de radiação solar nelas nas tardes de verão. Estão revestidas por placas de mármore, com elementos sobressalentes, que ao projetar uma pequena sombra no plano de fachada, forma um desenho geométrico que corresponde às linhas horizontais formadas pelos brises da fachada voltada para a Rua Frei Caneca, marcando assim, as plantas do edifício. Verticalmente correspondem com a divisão vertical do edifício base.



Figura 5 – Vista da fachada oposta à Rua Frei Caneca.
Fonte: AA VV: Rino Levi. Milano: Edizione di Comunità, 1974.

Para os escritórios a circulação vertical é feita através da escada circular y quatro elevadores, localizados aproximadamente no meio do volume. São acessíveis desde o segundo subsolo até o edifício torre, não abrindo no mezanino e na planta primeira do edifício base, havendo uma portaria independente na planta baixa. O volume circular que abriga a escada está destacado do volume da torre, chega até a última planta e ultrapassa esta em altura, abrigando a torre de resfriamento da água para o ar-condicionado.

Sistema estrutural

A estrutura do Edifício Banco Sul-Americano do Brasil está formada por pilares circulares de concreto armado, distribuídos no edifício base em cinco linhas cujos eixos seguem a modulação $x-x+1/3x-x$, na direção perpendicular à Avenida Paulista, onde “x” corresponde aproximadamente a 7.50m; e seguem a forma trapezoidal do volume nas duas últimas linhas da esquerda. No outro sentido, segue a modulação constante de também 7.50m. As caixas dos elevadores também são estruturais, de concreto armado.

A modulação é variável em razão da estrutura do edifício torre, sendo mais largas as duas linhas de pilares correspondentes a ela, já que devem agüentar mais carga. Seguindo as características desse tipo de estrutura, a medida que pertencem a uma planta mais alta, os pilares vão diminuindo de largura, e estão separados em aproximadamente 3.40m desde o eixo até a fachada, proporcionando que o fechamento do edifício seja livre da estrutura.

As lajes são nervuradas em todo o edifício, e nas bordas do edifício torre têm uma extensão de 80 cm para a fixação dos brises. Supõe-se que há falso teto em todas as plantas, devido a esse tipo de laje. Ao independentizar a estrutura das divisões internas e dos fechamentos das fachadas, o edifício adquire flexibilidade no manejo desses elementos.

Banco Sul-Americano do Brasil x *Lever House*

Ao observar o edifício do Banco Sul-Americano do Brasil, percebe-se a relação volumétrica deste com o edifício da *Lever House*, localizado no *Park Avenue, New York*, projetado pelo arquiteto *Gordon Bunshaft* do escritório S.O.M., em 1952. Ainda que tivesse um programa distinto, destinado para a sede de uma empresa, sua forma volumétrica se ajusta perfeitamente ao programa do edifício do Banco Sul-Americano do Brasil. O banco, como atividade de maior fluxo de público no volume inferior, base para um segundo volume destinado a escritórios, o volume torre. Assim, as duas atividades poderiam compartilhar o espaço sem que uma interferisse na outra. Estes edifícios, localizados em importantes avenidas compartilham semelhanças, como a configuração volumétrica acima destacada, e diferenças.

O terreno da *Lever House* está entre três ruas, estando apenas o fundo limitando com outro terreno. O terreno do Banco Sul-Americano do Brasil está numa esquina, entre duas ruas, com dois lados limitando com terrenos vizinhos.

O edifício base da *Lever House*, de duas plantas, ocupa todo o terreno, com uma abertura formando um pátio de iluminação, está sobre pilotis e forma dois pátios laterais com duas funções: espaço público resguardado e uma praça prévia à entrada, dotando de importância o edifício. Entre esses dois pátios, a área fechada coincide com a projeção da torre, funcionando como recepção e conduzindo às circulações verticais no fundo. Esse fechamento é de vidro, fazendo que todo o espaço tenha integração visual com os pátios. Esta base está coberta por um terraço ajardinado.

O edifício base do Banco Sul-Americano do Brasil está formado de duas plantas e um mezanino e segue a forma trapezoidal do terreno, mas está recuado em relação aos limites seguindo a legislação existente. Está sobre pilotis, como a *Lever House*, mas este não forma pátios laterais na planta baixa, pois está ocupada pelo banco, ainda que o fechamento em esquadrias de vidro, recuado dos planos de brises, tenha a intenção de integrar visualmente os espaços interiores e exteriores, transformando as calçadas em uma espécie de caminho agradável aos pedestres.

O pátio lateral aparece no terraço ajardinado que cobre o edifício base, mas somente é um, devido a pouca largura do solar em comparação ao da *Lever House*. Não há uma abertura de iluminação, mas as duas jardineiras um pouco mais elevadas com esquadrias na base iluminam a primeira planta, sendo clara referência a esse elemento.

A coberta desses volumes foi pensada, nos dois casos, para ser usada. Na *Lever House*, situam-se um jardim, uma cafeteria e um restaurante. No Banco Sul-Americano do Brasil o espaço foi projetado como um pavilhão para recepções e jardim. Estes espaços também dão valor estético aos edifícios, ao projetar uma sombra entre a base e a torre, diferencia claramente os volumes, equilibrando o conjunto.

A estrutura dos dois edifícios também é diferente. A da *Lever House* é metálica e a do Banco Sul-Americano do Brasil em concreto armado. Diferenciam-se na disposição com relação á torre, tendo a *Lever House* três filas de pilares e o Banco Sul-Americano do Brasil duas, mas ambos têm os pilares recuados do limite das fachadas e plantas livres, liberando a distribuição interior e mantendo a unidade visual, já que estas ficam livres da estrutura.

Referências bibliográficas

AA VV: Rino Levi. Milano: Edizione di Comunità, 1974.

ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. Rino Levi: Arquitetura e cidade. São Paulo. Editora Romano Guerra, 2001.